

A PROPOSTA DE EDUCAÇÃO PERSONALISTA COMO CAMINHO PARA A UMA EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA

Verônica do Couto Abreu¹

Vera de Souza Paracampo²

RESUMO: O presente artigo discute sobre educação numa perspectiva transformadora tendo como fundamento o pensamento de Emmanuel Mounier e seu personalismo ético que discutia o significado da pessoa humana não somente na sua individualidade e singularidade, mas, sobretudo na noção de pessoa quando se projeta ao outro e ao mundo, tornando-se um nós, um élan comunitário, intersubjetivo, transcendental e concreto. Sua proposta de educação pauta-se na valorização da pessoa no sentido de despertá-la para ter seu olhar e seu ser direcionado para o mundo e não como algo que aprisiona e adentra a pessoa para o conformismo e reprodução burguesa de educação.

Palavra- chaves: personalismo, educação, pessoa.

ABSTRACT: This article discusses about education in a changing perspective taking as a basis the ideas of Emmanuel Mounier and his ethical personalism that discussed the significance of the individual not only in their individuality and uniqueness, love, especially

¹ Doutora em Ciências Sociais. Professora do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal do Pará. E-mail: vca@ufpa.br

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFPA. Professora do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal do Pará. E-mail: paracampo@ufpa.br

the notion of person when designing other and the world, becoming one of us, an élan Community intersubjective, transcendental and concrete. His proposals for education staff in the recovery of the person to wake her up to have your look and your being directed to the world and not as something that imprisons and trains a person to conform and reproduction of bourgeois education.

Key words: personalism, education, person.

Antes de qualquer consideração sobre educação personalista cumpre esclarecer o que é Personalismo a fim de afastar o termo de qualquer entendimento de caráter individual. O personalismo foi um movimento filosófico, intelectual e ao mesmo tempo popular surgido na França nos anos 30, tendo como objetivo denunciar os regimes totalitários que aviltavam a dignidade da pessoa humana. Ao valorizar a pessoa, concebe não é só como materialidade, mas igualmente como transcendentalidade, colocando-a acima de qualquer estrutura e regime político. Emmanuel Mounier filósofo francês é um dos grandes ícones do pensamento sobre a pessoa humana e o personalismo inaugurado por ele nos leva a aproximações de se pensar a pessoa humana, não somente em sua dimensão individual e singular, mas, sobretudo, em sua estrutura intersubjetiva e comunitária.

Em segundo, a estrutura fundamental da pessoa humana é percebida enquanto uma combinação da matéria e espírito (esta aproximação dialetizante leva a crer no

homem enquanto transcendência); e em terceiro lugar, a pessoa é concebida como um ser cuja natureza implica na comunidade.

Essas reflexões em torno da pessoa humana nos interpela a concebê-la como significação primordial para projetar ações sociais cujo princípio esteja pautada para a educação no sentido de “despertar pessoas” como bem coloca Mounier e não impor determinados ensinamentos e visões de mundo que a colocam como mero depositar de informações.

A pessoa é uma existência incorporada, não existindo a dualidade corpo e alma, é ao mesmo tempo reciprocidade indefinida e universal. Quanto a isso Mounier coloca: “pela existência interior a pessoa surge-nos como uma presença voltada para o mundo e para as outras pessoas, sem limites, misturada com elas numa perspectiva de universalidade. As outras pessoas não a limitam, fazem-na ser e crescer” (1964, p.63). E enfatizando e confirmando o sentido concreto e comunitário da pessoa declara que ela (a pessoa) não existe senão para os outros, não se conhece senão pelos outros, não se encontra senão nos outros. Por esta afirmação pode-se apreender que Mounier explicita a questão da pessoa projetando-separa o outro e pára o mundo, contrapondo-a ao indivíduo. Para melhor clarificar essa diferença, elaboramos o quadro a seguir:

Quadro 1 - Contraposição entre indivíduo e pessoa.

INDIVÍDUO	PESSOA
Atenção voltada para	Atenção voltada para

si próprio.	si e p/ os outros.
Atitude de isolamento e defesa.	Atitudes de compartilhamento.
Ignora a liberdade do outro.	Vê no outro a extensão de sua liberdade.
Ser egoísta.	Ser disponível e aberto ao outro.
Ocupado com ele mesmo.	Ocupado também com os outros.
Vê no outro a limitação de sua liberdade.	O outro não o limita, o faz crescer e ser.
Sentido somente do eu.	Sentido comunitário – nós.

Fonte: elaborado pela autora.

A partir daí, vê-se a diferença fundamental entre pessoa e indivíduo e mais precisamente, apreende-se a pessoa no sentido comunitário, de viver continuamente em relação com o outro, com o mundo, mas também voltado para si mesmo num sentido transcendental.

Ao falar que o idealismo burguês abandonou o social; o realismo fascista rejeitou qualquer autoridade que não seja o estado; o materialismo marxista entende que as pseudo-realidades espirituais não fazem eco nas questões humanas, Mounier dita em alto e bom som que a raiz espiritual é o cerne de toda intervenção social e para isso tece as estruturas do regime personalista. Ele inicia suas reflexões a partir da educação da pessoa na qual deve favorecer seu “despertar como pessoa” desde a infância.

Essa educação não tem por finalidade “moldar” a pessoa ao conformismo

ou qualquer doutrina social ou regime político. Nem tampouco fazer cidadãos conscientes ou dóceis ao patriotismo, “sua missão é a de despertar pessoas capazes de viver e de assumirem posições como pessoas” (1967, p.133).

O princípio da educação personalista rejeita a posição totalitária da escola a qual esteriliza as possibilidades da criança quando a coloca a pensar partir dos outros, a agir segundo uma palavra de ordem e a se contentar em viver em um mundo satisfeito e confortável a exemplo do burguês. Rejeita qualquer modelo opressor imputado à criança nos primeiros momentos de sua formação e sociabilidade além de seu lar.

Uma filosofia da educação no seio de uma concepção de democracia, eis o objetivo da educação personalista, tendo como principal meta despertar pessoas, não uma simples fabricação de personagens por adestramento, treinamentos, quer sejam familiares, sociais, profissionais ou similares que comumente protagonizamos na sociedade atual. Despertar, sacudir, acordar o homem, esse apelo socrático que Mounier estabelece como condição fundamental para a instauração de uma nova civilização em pleno século XX, é basilar para o desenvolvimento de seu projeto de sociedade, pautada evidentemente na moral personalista.³

³ Gerard Lurol vai dizer que se compreende que a antropologia personalista enxertada em um realismo espiritual é um combate pelo homem. Ela pode dar lugar a engajamentos políticos diferentes de acordo com os lugares, as situações, as interpretações e, para

Nunca como agora as pessoas se deixam levar por papéis previamente dados por treinamentos a fim de se comportarem em sociedade e, desta feita, encarnarem personagens que coisificam sua subjetividade os tornando sujeitos anônimos e distanciados de seu próprio ser.

É tamanha tal prática que a as pessoas já não sabem sua identidade, sua essência, sua maneira particular de ser. Nesse modo, a pretensão é adestrá-las como se adestra um animal, mas Mounier adverte que no mundo animal o adestramento é limitado, pois que na medida em que o animal se condiciona aos comportamentos desejados, cessa seu treinamento e espera-se, sempre, aquele determinado comportamento. Mas e a pessoa? Há! Ela é marcada, no que Mounier vai dizer pelo princípio da imprevisibilidade que afasta qualquer possibilidade da pessoa se enquadrar. Cada um leva sua história de vida; sua existência é preenchida de significações que vão sendo vividas na medida em que se abrem e expandem seus laços comunitários e sociais, e tudo isso, claro, determinado por sua cultura e valor.

Educar uma criança, um adolescente, um jovem não pode se limitar adaptá-los a uma função ou a um papel que

concluir, de acordo com as próprias pessoas. Esta é a história, por exemplo, da equipe da *Esprit*. Ao contrário, ela não pode, quaisquer que sejam as tendências políticas, passar sem uma moral que comporta ao mesmo tempo uma fenomenologia das atitudes morais, uma ética e uma estética implicando uma teoria do conhecimento, uma filosofia de ação desembocando numa teoria do engajamento, enfim, uma filosofia da educação e da cultura no seio de uma concepção de democracia. (2002, p. 214)

mais tarde eles teriam que desempenhar. Uma pessoa não pertence à sua família como um objeto, nem ao seu meio social, nem ao seu grupo de trabalho, nem a sua pátria, nem a sua igreja. Ninguém nem sob o pretexto de salvaguardar o outro tem o direito de submetê-lo as suas tiranias, quer sejam conscientes ou inconscientes. Ela (a pessoa) está aí fixada, presente, ela se forma por meio deles e neles, é certo, mas ela não está submetida a eles. Nenhuma instituição, organização nação ou estado tem o direito de se apropriar da pessoa fazendo delas seu domínio privado. Pelo contrário, eles devem lhe servir, fazendo-as crescer, pois são elas que são feitas para as pessoas e não as pessoas feitas para elas.

Isso não quer dizer que as instituições nada têm a transmitir, ao contrário, elas são fundamentais para que haja o pleno exercício da liberdade pessoal e a garantia de cidadania, até porque se elas não transmitissem nada, nem saberes, nem habilidades, sem civilidades, nem potencializassem o crescimento da pessoa humana, a barbárie não estaria muito longe.

A pessoa não pode ser concebida, portanto, a um sistema de acomodação, assimilação, treinamentos, mas um lugar de transfiguração ao mais desconhecido dela mesma, onde estão implicados seus desejos e suas rejeições, seus amores e temores, seus ódios, seus gênios e suas faltas, ou seja, todas suas ações e reações diante do imprevisível que são todos igualmente exortação a decifrar e mensagens lançadas a

serem entendidas. O que se quer é um despertar, uma livre adesão do espírito.

Já dizia Freire que ninguém conscientiza ninguém, ninguém educa ninguém, mas a pessoa se educa com os outros, num processo gradativo de libertação de si mesma e do mundo, implicando uma livre adesão que favoreça a pessoa buscar seus próprios caminhos, descobrir suas verdades, rever seus conceitos e valores se necessários.

Quando falo da pessoa buscar seus próprios caminhos isso não quer dizer que seja uma busca isolada ou individual, trilhada nas amarras da solidão, mas uma busca de si mesma com os outros, para o outros, projetada para além de mim, para conhecer a realidade do outro, do mundo, da vida, pois quem mais encontrará em seu caminho que não seja o outro? E nesse outro certamente encontrará a transformação de seu ser e do outro, mas o outro não como um objeto, mas como uma presença. Essa luta conjunta nos reporta a reflexão que Marcel faz sobre o ser e ter quando diz:

“Creio, pois, que quanto mais nos elevamos a realidade, quanto mais acedemos a ela, tanto mais cessa de ser assimilada a um objeto colocado ante a nós, que tateamos e ao mesmo tempo, mais nos transformamos efetivamente a nós mesmos.” (MARCEL, s/d, p. 156).

A transformação do ser obtida pelo conhecimento da realidade do outro, afasta a

possibilidade de estabelecer relações de jugo e poder e, ao mesmo tempo, lança a pessoa ao seu estado de liberdade, favorecendo a livre adesão do espírito.

O primeiro princípio de uma educação personalista é a de afastar qualquer possibilidade de adaptação ou conformismos ao meio social e ao Estado, na medida em que quer resgatar o significado de despertar pessoas para o exercício da liberdade. Essa liberdade, diz Mounier, é conversão à unidade de um fim e de uma fé. Se por um lado, Mounier afirma que a educação não pode ser totalitária, ela não pode deixar de ser total no sentido em que vê a pessoa por inteiro, integral, como um todo que dispensa fragmentações e separações. E nisso afirma que a educação jamais pode ser neutra como querem alguns adeptos de uma educação opressora e baseada em valores impessoais. A prática da neutralidade dessa maneira:

“[...] acha-se concebida numa série de becos sem saída: ou a escola que pretenda ser neutra deixa o ensino difusamente impregnar-se de alguma doutrina elaborada segundo um espírito dominante: hoje a moral burguesa, como os seus valores de classe e dinheiro, o seu nacionalismo, a sua concepção de trabalho, da ordem, etc; ou ela vê a sua neutralidade violada por mestres que são homens convictos, que não aceitam viver mutilados e que fazem, abertamente, ou não, conscientemente ou não, explícita ou implicitamente, proselitismo católico, marxista, relativista etc.” (Mounier, 1967, p. 136).

Esse tipo de neutralidade fere os princípios fundamentais de uma educação personalista, uma vez que esvazia a liberdade e a coloca num lugar comum de abstração, favorecendo a indiferença e impessoalidade diante do outro e da existência e não preparando para um compromisso responsável de fé e amor, conexões existenciais fundamentais para uma educação baseada em valores.

Nessa perspectiva, a criança deve ser educada como uma pessoa, pelas vias da aprendizagem do livre compromisso, da aprendizagem de liberdade e, por isso, não pode ser encontrada como um modelo acabado e moldado pelo Estado, o que Mounier critica severamente, chegando a dizer que a educação não pode ser monopólio do Estado, pois este não tem a mínima consideração pela educação libertadora da criança. O ideal seria, diz ele, que enquanto a criança não atingisse a maioridade, ficaria a cargo das comunidades naturais e das famílias espirituais sua educação, pois só assim poderia aproximar-se do sentido de comunidade, amor, fé e liberdade.

E afim de que a educação tenha um nexó dialógico edificante para assegurar a livre iniciativa da pessoa, é preciso promover, escreve Mounier, uma profunda transformação pedagógica da escola, “com o primado da educação e da educação pessoal, sobre a erudição, a preparação

profissional ou a educação de classes” (Mounier, 1967, p.144).

É preciso, entretanto, compreender que não basta olhar a educação somente neste prisma, é preciso muito mais além de simples adesões ao poder institucional, privado ou pessoal, ainda que a educação tenha que ser acompanhada de um esforço institucional sem o qual não seriam possíveis as intervenções dialógicas, mas compartilhando uma filosofia e espírito que dê conta da pessoa do educando, do professor, do gestor e todos que compunham as estruturas orgânicas e pedagógicas da escola.

No mesmo sentido que Mounier, Buber diz que a educação pode ser traduzida numa relação essencialmente do eu e tu, porque pode e deve ser uma relação dialógica carregada de afetividade, de humanidade, porque nesta relação às pessoas se humanizam. Ora, humanizar a pessoa é torná-la coexistente com o outro, é dar a possibilidade de educá-la com o outro, afastando-a de ser meramente um objeto que se classifica, rotula, ensina, transmite saber.

Lembro aqui Marcel (s/d) que dizia que uma das mais prementes tentações do mundo moderno liga-se ao prestígio dos números, das estatísticas. E comumente vemos estampados nas propagandas das políticas de educação (não somente, mas em todos os segmentos, a primazia dos números sendo o principal significado) o fator estatístico e técnico como fundamental para

o sucesso, ou ao contrário, o insucesso das escolas e das demandas educacionais.

Vemo-nos permanentemente influenciados pela “ditadura” dos números, dos dados estatísticos, dos indicadores como se eles fossem capazes, por si só, de expressar todas as ações humanas ou legitimar se determinada ação é válida ou não. No campo da educação é comum as escolas que preparam, por exemplo, para o processo seletivo de ingresso ao Ensino Superior, se tornaram uma autêntica máquina de fazer calouros, quando estampam em sua publicidade o número de jovens que conseguem aprovação. E quanto maior o número mais eficaz se torna tal escola, onde a competitividade é o valor fundamental pelo qual o jovem começa a ser despertado. Não estou entrando no mérito de questionar a quem a escola está dirigida e para quem e qual o sentido repassado para as crianças, os adolescentes e os jovens, pois invariavelmente se colocaria na discussão dos dilemas éticos da escola.

Mendonça expressa com razão e clareza de suas vivências no campo da educação que o grande desafio da escola hoje é resgatar o sentido da vida:

[...] Em meio à barbárie e suas múltiplas expressões, seja na violência virtual da pornografia infantil, na violência sexual contra crianças, na prostituição infantil, na violência na família, entre gêneros, na escola, etc., o desafio à educação hoje é **recuperar o sentido da vida.** (MENDONÇA, 2008, p. 10, Mimeo.).

Trabalhar os valores como fator de mudança no campo da educação é proporcionalmente válido tanto quanto uma postura pedagógica competente que prime pela transformação de seus educandos. Os valores, segundo Scheler citado por Costa (1996) são intencionalidades das emoções e seus objetos intencionais. Desse modo, ele diz que há um cosmos objetivo de valores alcançável somente pela via emocional, onde a razão é distanciada ou cega ao valor. Por exemplo, atos como preferir e querer algo, amar, odiar, não são racionais e sim emocionais e desdobram-se *a priori* em conteúdos materiais que não procedem da sensibilidade. Esses conteúdos são os valores, qualidades dotadas de conteúdo que estão nas coisas, mas são independentes tanto delas quanto de outros estados de ânimos subjetivos.

Essa noção de valor é fundamentada na visão fenomenológica, aliás, é bom lembrar que Scheler foi discípulo de Husserl e utilizou a fenomenologia para estudar os fenômenos emocionais e suas respectivas intencionalidades que são os valores, sem abandonar, no entanto, às exigências da metafísica clássica.

No âmbito da moral, os valores estão vinculados à experiência ou de uma conduta ou de um indivíduo, sendo estes essenciais para a percepção de determinados valores. Para ficar mais claro, Costa (1996) diz:

[...] Por exemplo, Sócrates ao acatar a condenação injusta dos magistrados de Atenas, colocou com destaque o valor da obediência às leis da pátria. São Francisco de Assis, através da pobreza, mostrou o valor do desprendimento dos bens materiais. Mahatma Gandhi, com sua resistência pacífica ao domínio inglês, mostrou o valor e o poder da não-violência. Assim, através de sucessivas experiências e vivências, os valores morais vão sendo descobertos para construir o único referencial universalmente válido para se determinar o que é bom ou mal. (COSTA, 1996, p. 41).

Os valores para Scheler são sempre os mesmos, não mudam, tem uma essencialidade própria independente do lugar e da época, o que muda, entretanto, é a percepção que temos dele. Por isso, cada época ou cultura, privilegia alguns valores e ignora outros. Logo, os mundos dos valores estão incorporados à escala dos dados objetivos, reais e materiais e são independentes dos sujeitos que os percebem. Para Scheler o termo material significa “objetivo”, que tem uma realidade e uma validade independentes do sujeito.

E educação pautada nos valores é representativa primeiramente na família no início da formação da criança. Família aqui é entendida como uma expressão de liberdade das pessoas, sendo sua missão tutelar a vocação da criança no seu desenvolvimento e envolvimento com o mundo. A criança é, na visão personalista,

[...] o maravilhoso jardim onde podemos conhecer e preservar o homem antes que ele tenha

desaprendido a liberdade, a gratuidade e o abandono. Cada infância que nos protegemos que fortificamos sem, no entanto deixarmos de despojá-la das suas puerilidades, que conduzimos até a idade adulta, é uma pessoa a mais que arrancamos à dominação do espírito burguês e, seja em que sociedade for à morte do conformismo. É uma fonte que guardamos viva. (Mounier, 1967, p. 169).

A fim de que haja uma diversidade de uma educação libertadora e pluralista, Mounier aponta alternativas que permitem a escola salvar-se dos perigos da neutralidade e da ameaça de uma escola pautada em posições totalitárias. Porém, chama atenção para o problema de que uma educação, nas mãos de famílias e comunidade naturais, pode correr o risco de se tirar do Estado a educação infantil e colocá-la nas mãos de dogmatismos particulares e assim criar várias versões de escolas autoritárias? Nisso a alternativa apontada por Mounier é bastante atual às exigências de uma educação que prepare pessoas e não meramente profissionais impessoais, ou seja, “de condições impostas à formação dos professores, pelo espírito dos concursos, pela inspeção, que cabe garantir, qualquer que seja a doutrina ensinada, que ela o seja segundo métodos que respeitem e eduquem a pessoa” (MOUNIER, 1967, p. 144).

Ao falar da criança, falamos por extensão, da família que é o meio mais significativo e insubstituível para a formação

de pessoas preparadas para viver em comunidade. Preparadas no sentido de que elas serão mais sensíveis e dóceis ao espírito de liberdade e, do mesmo modo, mais resistentes à tentação do espírito burguês com seus grandes tentáculos de manipulação, competição, hipocrisia e moralismo.

Na visão personalista, a família é o primeiro caminho para que a criança se personalize. Enquanto são crianças e adolescentes, a família é de fundamental importância para aprendizagem e exercício de valores morais, religiosos⁴ e comportamentos psicológicos saudáveis para gozar de livre expressão.

Nesse sentido, Mounier diz: “uma civilização mais sensível aos valores da pessoa do que as da razão geométrica, vê na instituição familiar uma aquisição definitiva, o meio humano ótimo para a formação da pessoa.” (1967, p.156). Mas a família pode ao mesmo tempo agir como fator extremamente prejudicial aos seus membros quando parece reproduzir os totalitarismos políticos e as ideologias massacrantes e engendrar conformismos, violência, agressão, comportamentos psicológicos comprometedores e outros valores considerados universalmente prejudiciais à livre expressão da pessoa. A

⁴ Retiro das palavras de Mendonça meu entendimento de religião como concebida por Gandhi: “[...] não a institucional, mas a ligação do homem com o absoluto e a percepção de sua interpenetração como o todo universal”. <www.ufpa.br/peregrinosdapaz>.

família também pode ser considerada somente como uma sociedade comercial regulada por interesses financeiros bem definidos. Como bem expressa Mounier sobre a família:

“O amor é determinado nela pelo nível da classe e pelo volume do dote, pela fidelidade ao código da consideração e do prestígio, os nascimentos pelas exigências do conforto. O casamento ora é a transferência de uma conta ou extensão de um negócio, ora uma operação publicitária ou uma tábua de salvação.” (MOUNIER, 1967, p. 160).

Mas a família não se reduz a uma transação comercial e nem tampouco a processos puramente biológicos e funcionais, ainda que seja um misto desses processos, mas não é um grupo acidental de pessoas. A família vive numa cidade, numa determinada escala de quadros sociais, historicamente dadas; é afetada e sofre afetações de toda ordem; é um espaço de crescimento e presença, mas também é ausência de nada ser e nada fazer para a educação de seus membros. Para exemplificar bem a concepção de família no prisma de Mounier, coloco aqui suas palavras que expressam que a família é um meio espiritual onde renasce a verdadeira comunidade. Se ela é um dado histórico é igualmente um fazer-se com os outros:

“Esta comunidade de pessoas não é automática, nem infalível. Ela é um

risco a correr, um compromisso a fecundar. Mas a família só pode ser considerada uma sociedade espiritual sob a condição, e sob esta condição somente, de tender para ela com todo o seu esforço, de nela irradiar já a graça de tal comunidade.” (MOUNIER, 1967, p.165).

Se Mounier coloca a família como alternativa potencial para a educação, esta não deve, no entanto, ser predominante a tal ponto de aprisionar a vocação da criança, fazendo-a cativa de suas tiranias. Uma educação personalista, por certo, intervém em todas as dimensões do desenvolvimento da criança, mas não pode sob esse pretexto, se apoderar de seus desígnios e destino. As sociedades fechadas são o melhor exemplo de uma educação que almeja uma sociedade formada por guetos, por valores limitantes e cristalizados em processos libertários ou anárquicos, ou mais ainda, em valores radicais, construídos sob a margem do aceitável.

Com razão, Mounier vai dizer que para livrar a criança de sociedades fechadas a melhor opção é educá-la sob estes prismas de escala de importância: família, escola, corpo educativo e por fim o Estado. O Estado como se vê, figura como o último recurso para a educação da criança, pois dirá Mounier que ele é apenas um poder de jurisdição e não pode influenciar diretamente e não unicamente na vida das pessoas.

Conforme Mounier a vida pessoal nasce da tensão entre dois pólos. De um lado a pessoa como individualidade e, de

outro, a pessoa como ser espiritual. Essa composição é a condição fundante do ser pessoa e como ela leva todas as especificidades dessa constituição.

E é por isso que o processo de educação deverá caminhar no sentido de respeitar a pessoa em sua individualidade e ao mesmo tempo olhá-la como ser comunitário, em constante e permanente relação com pessoas e instituições, pois se a educação não se voltar para alcançar a pessoa lá onde ela se encontra, nas suas dores e alegrias, angustias e sabores, qual será, portanto o sentido da educação?

A pessoa é a junção de laços afetivos e tece relações imediatas, não precisa de intermediários, ela por si só é capaz de estabelecer laços ou não com o outro. Mas a pessoa não é somente um feixe de sensações, ela supera está vida sensível. Para Mounier a sociedade elementar na qual a pessoa vive tem o nome de pátria. Ele retirou de Bérghson a idéia pela qual, a pessoa ao ter mais disponibilidade para laços sensíveis, parece mais ligada a pequenas sociedades.

REFERÊNCIAS

- BURKE, Cormac. *Personalismo e individualismo*. Roma: studi cattolici, n. 396, II, 1994 Campanário. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.
- MENDONÇA, K.M.L. *Buber e adorno: Deus e o Diabo nos pequenos detalhes*. Caminhos Sociológicos na Amazônia. Belém: Universitária, 2002.
- _____. *Por Novas Relações na Esfera Pública: Ética e Não-Violência*. In: Daniel Chaves de Brito; Wilson Jose Barp.

(Org.). *Reflexões Sobre Políticas de Segurança Pública*. 1 Ed. Belém: Editora Universitaria UFPA, 2005

MOUNIER, Emmanuel. *Introdução aos existencialismos*. Tradução de João Bernard da Costa. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1963.

_____. *Manifesto ao serviço do personalismo*. Tradução de Antonio Ramos. Lisboa: Moraes, 1967.

_____. *O personalismo*. Lisboa: Martins Fontes, Lisboa, 1964.

RICOEUR, Paul. *A região dos filósofos*. Tradução de Marcelo Perine e Nicolas Nyimi. Campanário. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

_____. *História e verdade*. Tradução de F.A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1968.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência: iniciação ao personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983.